

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS – ICH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA / PÓS - GRADUAÇÃO.

FERNANDA APARECIDA OLIVEIRA DA FONSECA

ALIENAÇÃO POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

JUIZ DE FORA – MG

2019

ALIENAÇÃO POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Projeto de Pesquisa apresentado ao
Departamento de Pós Graduação em
Filosofia do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Juiz de Fora.

JUIZ DE FORA – MG

2019

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.

2- O CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM MARX.

2.1- CONTRIBUIÇÃO DE MESZÁROS SOBRE O CONCEITO DE ALIENAÇÃO.

3- A TEORIA CRÍTICA DE MARCUSE.

4- MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL: DA ALIENAÇÃO POLITICA A UM NÃO RADICALISMO.

4.1 A ALIENAÇÃO POLÍTICA.

4.3- AS NOVAS FACES DO PROTESTO NO BRASIL.

4.2- O NÃO RADICALISMO E A DERROTA LÓGICA DA OPOSIÇÃO.

5. CONCLUSÃO.

6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.

1. Introdução

A presente pesquisa irá investigar a alienação política do protesto social brasileiro contemporâneo e, a composição de uma oposição cooptada numa realidade unidimensional como o atual cenário social e político brasileiro.

Nos dias de hoje, para além de discursos e bandeiras erguidas nas ruas e em redes sociais da internet, faz-se necessário relembrar a teoria da alienação marxista, para o entendimento do que se passa com o indivíduo e seu protesto atual e também para tentarmos compreender a base de toda a fragmentação do protesto da classe trabalhadora, junto a uma conciliação de interesses impostos por uma única realidade.

Nós vamos utilizar Karl Marx e Friedrich Engels para ajudar na explicitação inicial do problema da alienação. Posteriormente Istvan Meszáros, com sua abordagem sobre a teoria da alienação marxista será de grande relevância para a compreensão do conceito, que é o que precisa primeiramente ser explicitado nessa análise que aqui se fará sobre o indivíduo e seu protesto no Brasil contemporâneo.

O filósofo Herbert Marcuse também é viável para a compreensão do processo unidimensional que se desenrola na realidade atual, um processo diretamente ligado à alienação.

Iremos então recorrer à teoria marxista sobre a alienação e à teoria crítica feita por Marcuse, como recursos teórico – metodológicos, sendo de grande utilidade os conceitos explorados por esses autores para tentarmos compreender o que se passa na sedimentada sociedade brasileira, paradoxalmente unificada em oposições.

Uma alternativa viável para o enfrentamento dessas questões deve-se dar para além dos discursos públicos, através de uma teoria crítica da sociedade, recorrendo aqui a tradições teóricas como as de Marx, Engels, Marcuse e Meszáros para tentarmos fazer uma análise teórica da situação vigente e tentarmos compreender porque há a lacuna de uma atitude crítica e educativa nos protestos, algo necessário para a realização de um projeto de emancipação social verdadeiro, inclusive que detecte a presença da alienação, como empecilho da não emancipação em relação ao sistema vigente.

Autores como Konder, Safatle, Wood e Dowbor, também contribuem de forma significativa para o complemento em esclarecimento desta análise, em especial no tópico terceiro desta temática, acerca do que se passa na atual realidade brasileira em relação a alienação latente no protesto e na sociedade como um todo, sedimentada em recortes neoliberais cada vez mais sofisticados em seu poderio político-econômico.

2. O conceito de alienação em Marx

A alienação possui uma base antes de sua manifestação política. A economia é essa base. Marx salientou que a forma econômica baseada na apropriação, expropriação e mais valia, afasta o trabalhador do seu trabalho que não mais lhe pertence, tornando-se uma mercadoria assim, como ele mesmo nas mãos de quem se apropriou de todo o trabalho. Em consequência, a esse processo, a organização de toda a sociedade e da política, segue a mesma diretriz do processo da economia, que é a própria base e alicerce político numa sociedade capitalista.

A alienação para Marx significa exteriorização, alheamento ou estranhamento. Vamos nos restringir a analisar aqui, o indivíduo e as relações sociais - históricas produzidas a partir deste, como por exemplo, o trabalho e a política. Procuraremos compreender como o processo de alienação afeta a objetividade do indivíduo em sua atividade material (o trabalho), o afastando de produtos por ele realizados, tendo conseguinte, afetada sua subjetividade, ou seja, sua consciência e suas relações de gênero humano, provocando uma objetificação de seu ser genérico. (Lucáks).

Falar desse processo implica recordar suas bases, feitas por Marx e Engels.

A exteriorização (Entausserun) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (ausser), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausser ihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha.” (MARX ; ENGELS, P.81).

Nesta citação, extraída de seus *Manuscritos Economicos-filosóficos*, Marx aponta o cerne da alienação no individuo trabalhador: “o trabalho se torna um objeto” e “a vida que lhe concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha”. Há uma deslocação de existência. A existência do trabalhador torna-se uma mera sobrevivência, na qual o trabalho é sentido por ele como algo necessário, mas torturador e não digno de uma vida feliz, uma vez que este trabalho rotineiro, torna-se uma potencia estranha e autônoma diante dele, não lhe deixando escolha alguma, senão a submissão.

Uma submissão, que desloca toda sua produção de objetos como vida autônoma, e a vida em si mesma, vida humana, como existência exteriorizada, afastada da produção que produz. Sendo assim, um objeto vivo que produz objetos brutos, e depende desses objetos brutos, que se tornam independentes e com vida própria, ao ponto de se tornarem o próprio comando da vida social.

Por óbvio, para que o funcionamento desta forma de trabalho estranhado seja fixado na vida social, como verdade indubitável e justa, como uma forma de trabalho não percebido em sua nudez pelo trabalhador alienado da produção, expropriado de seus produtos, do próprio trabalho e consciência, a sociedade capitalista de classes, conforme descreveremos adiante, o que Marx entende por classe social, conta com um elemento importante: a Ideologia.

Todo o posterior estranhamento do individuo consigo mesmo e com a política da qual faz parte, assenta-se nesta forma de trabalho alienado ou estranhado, resultado da divisão social do trabalho em uma sociedade de classes como bem apontou Marx, na *Ideologia Alemã*, acerca da sociedade capitalista e suas especificidades em relação às sociedades anteriores.

A existência da cidade implica ao mesmo tempo a necessidade da administração, da policia, dos impostos etc., em uma palavra, a necessidade da organização comunitária e, portanto, da política em geral. Foi então que surgiu pela primeira vez a divisão da população em duas grandes classes, divisão essa que repousa em duas grandes classes, divisão essa que repousa diretamente

sobre a divisão do trabalho e os instrumentos de produção. (MARX; ENGELS, P.55)

A divisão da população em duas grandes classes se dá seguinte maneira: classe dominante e classe dominada. A classe que domina, é a possuidora dos meios de produção e também é a classe que se apropria da mão de obra e da mais valia produzida pelo trabalhador, este expropriado de tudo. A classe dominada é a classe expropriada de toda a produção, incluindo aqui desde os instrumentos de produção até a sua mão de obra. É a maioria da população, que nada possui, nem mesmo sua autonomia de ser.

A classe dominada ou submetida é a produtora direta da mais-valia, que é o excedente de horas de trabalho do trabalhador, que produz um capital excedente que é apropriado pela classe dominante, conhecido também como lucro. Essa classe é a mesma classe que só pode sobreviver nesta sociedade vendendo sua força de trabalho, alienando suas faculdades intelectuais e produtivas, por um salário imposto e calculado pela classe dominante.

Assim, Marx e Engels, na obra *Manifesto do Partido Comunista* denominou as duas classes sociais existentes na sociedade capitalista:

Por burguesia entendemos a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poderem viver. (MARX; ENGELS, 2009, p. 23)

A economia sendo a base de tal sociedade de classes, dita as regras sobre a estrutura política e organizacional de toda a produção social.

Faz-se necessário numa sociedade capitalista para manter-se como tal, em sua lógica de lucro, produção e reprodução em massa, não só de produtos, mas também de indivíduos-produtos, fazer com que exista a alienação múltipla do trabalhador e o trabalho e o *estranhamento* ocultado em entrelinhas ideológicas pela divisão social do trabalho.

Marx expressara bem isso em seus Manuscritos, quando diz:

A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação **imediate** entre o **trabalhador** (o trabalho) e a produção. (MARX, 2010, P.82).

O ocultar o estranhamento da essência do trabalho, conforme demonstra Marx, nessa citação, é a alienação propriamente dita. Alienação não percebida pelo trabalhador, estranhamento sentido, mas não identificado por parte de quem produz e não se reconhece no produzido.

E como na visão da economia nacional, o trabalhador é apenas mais um produto, um produto que produz muitos mais outros produtos, ou seja, ele é um dos produtos apropriados pela classe detentora dos meios de produção e capital. Não há assim, necessidade de explicar o estranhamento ou alienação, produzida a partir do trabalho que favorece a economia capitalista.

Diz Marx adiante:

Sem dúvida. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador.

(MARX, 2010 P.82)

Para a economia nacional da qual fala Marx, que se trata da economia política do sistema capitalista, faz-se necessário ocultar esse estranhamento, pois sendo o trabalhador um produto que possui consciência, pode revoltar-se contra sua condição

alienada da produção. Contra o risco de revolta da classe trabalhadora alienada, a classe detentora dos meios de produção, conta com a ideologia, para ocultar a realidade de alienação do trabalhador e apresentar a economia como separada da política, como se fosse à parte e não tivesse ligação alguma de toda a organização social, organização que é política.

Já dizia, Marx e Engels na *Ideologia Alemã*:

(...) A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo da vida real. E se, em toda ideologia, a humanidade e suas relações aparecem de ponta-cabeça, como ocorre em uma câmara escura, tal fenômeno resulta de seu processo histórico de vida. (MARX E ENGELS, 2010,P.51)

A condição de trabalho alienado faz com que a consciência do trabalhador também se aliene de forma, que ele não se sente parte da organização política da sociedade. Um processo de vida concreto, imaginado como distante pelo trabalhador, como se fosse externo a ele e desse processo ele não fizesse parte. A consciência alienada pelo trabalho alienado traz a sensação ao trabalhador de que essas coisas todas externas a ele são autônomas por si mesmas, e além de não se sentir parte delas, também há a idéia de que sua autonomia consiste em obedecer a essas coisas, que possuem vida própria.

A ideologia citada nesse trecho da obra *Ideologia Alemã* trata-se de um fenômeno histórico, específico da alienação do trabalho e da sociedade de classes, sendo responsável por manter as relações de produção tais como são, distorcendo a realidade e ofuscando a consciência e a percepção do trabalhador em relação ao que se passa.

A Ideologia, como Marx a define é a responsável e produtora direta da alienação, que tem na vida econômica a sua origem. A Ideologia é responsável ainda pelo ofuscamento da alienação de modo que os indivíduos não percebam tal situação, e não reajam à exploração da economia capitalista.

Ideologia aqui deve ser entendida como fenômeno social – histórico, ou seja, algo que surge e manifesta-se nas relações sociais produzidas concretamente, por seres humanos concretos em sua vida material dentro de circunstâncias históricas. A ideologia como fenômeno causador de alienação aparece como mascaramento da realidade, ocultando o que de essencial a compõe, deixando dessa forma lacunas que passam despercebidas, substratos relevantes ao conhecimento do todo e, obstrução clara da percepção acerca do que se passa.

A filósofa Maria Lúcia Aranha (1992) nos apresenta o conceito de ideologia marxista, de forma ampla e didaticamente relevante para a compreensão dessa análise:

“A ideologia é um conjunto lógico sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas e regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão de classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrario, a função da ideologia é de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento de identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado.”

(ARANHA E MARTINS, 1992, P.70-71)

A ideologia como Marx a define, bem explicitado por Aranha e Martins (1991) acima é a grande responsável por manter afastada a percepção do trabalhador em relação ao processo alienado em que está imerso, não somente seu trabalho, mas toda a sua vida. Ideologia e alienação se complementam nesse processo de exteriorização do trabalho e da vida social do trabalhador.

A ideologia como processo material e representativo justifica as desigualdades de classes de forma racional, ao mesmo tempo que as oculta com alguns identificadores sociais como pátria e liberdade, produzindo a alienação como algo fundamental para manter tal processo.

È assim, por exemplo, que o trabalhador mesmo sendo excluído da maior parte dos processos de decisão política se identifica com o candidato que faz as promessas ao nível de seu horizonte cognitivo e desejos. Ou então, mesmo não tendo liberdade alguma numa sociedade determinada materialmente e historicamente, sente-se livre ao fazer escolhas que não são suas, mas previamente impostas e prescritas por um sistema, como por exemplo, o lazer após as horas de trabalho, como o futebol, o beber uma cerveja no fim de semana.

Rotinas previamente impostas pelo sistema capitalista, para manter o controle sobre esses indivíduos e suas consciências. Mantendo-os produzindo e consumindo produtos, por óbvio e, ao mesmo tempo sem tempo livre algum para refletirem sobre suas condições diárias de trabalho e as formas massacrantes de um sistema que lhes furta toda liberdade de pensamento, imaginação e reflexão crítica. Essa é a ação da ideologia da qual falou Marx. A alienação é seu produto.

É assim que age a ideologia mascarando para o trabalhador a realidade que o oprime, apresentando-a como racional e justa. Uma maquiagem que disfarça aos olhos do trabalhador, toda a imperfeição e injustiça do sistema a que está submetido por meio da divisão social do trabalho, conforme nos apresentou Marx.

O conceito de ideologia apresentado por Marx trouxe a luz de todo o processo de alienação que estamos submetidos e não conseguimos enxergar, dada a situação determinada em que estamos e por nossas consciências já não ser mais nossas consciências, mas sim a consciência burguesa.

Vivemos os valores burgueses e a racionalidade burguesa sem perceber. Achamos que estamos vivendo nossos próprios anseios e pensamentos, mas na verdade eles estão alienados e bloqueados pela imposta ideologia burguesa, que não nos permite perceber tal fato.

Não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência.
(MARX; ENGELS, 2010, p.52)

Se, é a vida que determina a consciência conforme constatou Marx ao analisar a sociedade de sua época a partir do prisma do materialismo histórico, fica claro para nós aqui, como é que vivemos a consciência e os valores burgueses, sem constatar isso. Estamos determinados socialmente e historicamente, e nossa consciência é produto dessa sociedade e história ao qual pertencemos, fazemos parte.

No entanto, em sociedades capitalistas, tal consciência produto da história e da sociedade é alienada. É por conta dessa alienação presente na consciência e na vida prática do trabalhador, que ele não percebe o quanto é determinado por tudo isso. O quanto vive valores morais que não são seus, o quanto produz produtos que não são seus e o quanto sua consciência não lhe pertence.

Num capitalismo tão entranhado que não perceptível ao indivíduo, é “globalizado” de maneira puramente expansiva e reprodutora de si mesmo, já não percebido como sistema pelo indivíduo e reproduzido incessantemente de diversas maneiras pelo mesmo, a alienação como um braço forte desse sistema, colabora na manutenção deste e de todo o corpo social de massa e também o indivíduo.

Um cerceamento não notado, uma segunda natureza tida como a única, retilínea e eterna, a predação do homem pelo homem, o pensamento hobbesiano executado da maneira mais sutil da história.

O culto do indivíduo isolado (MESZAROS 2011), uma atomização social do gênero humano, a objetivação da vida e a objetificação da existência são típicos aspectos estruturais que o fenômeno da alienação mantém para que continue existir a ideologia o seu mestre superior: o mercado e o capitalismo.

2.1. A contribuição de Meszáros sobre o conceito de alienação.

Meszáros resume de forma simples a complexidade do conceito de alienação em Marx em quatro aspectos fundamentais: o homem está alienado da *natureza*; está alienado de *si mesmo* (de sua própria atividade); de seu “*ser genérico*” (de seu ser como membro da espécie humana); o homem está alienado do *homem*. (MESZÁROS 2011).

Os termos de referencia fundamentais na teoria da alienação de Marx são o “homem” (H), a “natureza” (N) e a “indústria” (atividade produtiva) (I). (...) Marx, retrata essa relação na forma de uma interação tríplice entre as partes constituintes. (MESZÁROS, 2011, P.99)

Pode-se falar que o indivíduo uma vez que está alienado de si mesmo, está alienado não só de sua natureza como indivíduo, mas aliena também toda a primeira natureza externa a ele e que antecede à segunda natureza, determinada social e historicamente, alheando-se do que é natural e racional de seu ser como humano e, estranhamente submetendo-se a uma segunda natureza, um sistema artificial e irracional como tutor e referencia para o regimento de toda a vida em sociedade.

Explicita Meszáros esse processo da alienação:

A atividade produtiva do homem não lhe pode trazer realização porque as mediações de segunda ordem institucionalizadas se interpõem entre o homem e sua atividade, entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem. (A duas últimas já estão implícitas na primeira, isto é, na interposição das mediações de segunda

ordem capitalistas entre o homem e sua atividade, na subordinação da atividade produtiva a essas mediações. (MESZÁROS,2011, P.81).

O estranhamento de que se está falando oriundo do que conceituou Marx, deriva de todo o sistema do dinheiro. Não se trata do dinheiro apenas como moeda ou papel de troca, mas do dinheiro transformado em capital. Está se falando de um estranhamento específico do sistema capitalista.

Diz Meszáros:

(...) a questão da alienação não se resolve de uma vez por todas simplesmente negando as relações de propriedade capitalista. (MESZÁROS, 2011, p.140).

Ao afirmar que negar as relações de propriedade capitalista não basta, Meszáros aponta o que Marx já apontara em sua época, que a negação da alienação não basta somente, é necessário que haja um desenvolvimento histórico e de consciência humana. Portanto, é preciso negar a negação para que haja uma nova síntese social.

Marx descreve o comunismo como um princípio *político*. Ele ressalta sua função, como a *negação da negação* e, portanto, limita-o ao *estágio 'próximo* do desenvolvimento histórico”, chamando-o de princípio enérgico do *futuro próximo*.(MESZÁROS, 2011, p.147).

Não iremos entrar em detalhes acerca do princípio político descrito por Marx, no entanto é imprescindível a compreensão dialética marxista explícita nesta citação de Meszáros.

Aliás, compreender a dialética marxista é algo imprescindível para nossa análise acerca da alienação, pois todas as possibilidades de superação do capitalismo apontada

por Marx, e, posteriormente por autores como Meszáros e Marcuse, só são possíveis via dialética marxista. A dialética marxista, conta com o materialismo histórico para seu implemento real à práxis social, como possibilidade de compreensão acerca do que se passa e a superação disso, tendo como primado o próprio movimento da realidade.

O método dialético desenvolvido por Marx, baseado na dialética desenvolvida pelo filósofo Hegel, mas diferente deste, leva em consideração o movimento da realidade e sua dinâmica na história, a partir da produção material dos seres humanos, ou seja, do trabalho.

Como já dito, Marx considera o trabalho como algo essencial e próprio dos seres humanos.

A dialética marxista consiste em: tese, antítese e síntese. Síntese, que se torna outra tese, ou seja, afirmação e em algum momento entrará em conflito com sua negação, a antítese e, assim necessariamente devera surgir uma nova síntese. O método dialético é uma via por onde é possível compreender as contradições do capitalismo e sua cristalização enquanto sistema social.

Já foi dito no início desta análise que a economia separada da política é uma característica da alienação presente.

A separação de economia e política pode ser entendida como a alienação da economia em relação à política, há uma cisão provocada e mantida pela ideologia, para mascarar a dominação política na integra do capitalismo sobre toda a organização social.

Trata-se de uma complexidade que exige superação histórica prática, no entanto sendo necessária uma revisão de toda teoria econômica fixada até então. Marx faz isso de forma contundente e radical, desmistificando toda especulação da Filosofia e desconstruindo as ideologias reformistas que se apresentavam como a de Proudhon e, demonstrando todo o caráter alienado desses idealismos sociais e propondo através do materialismo histórico dialético uma possibilidade de se resolver a problemática da alienação.

Diz Meszáros:

É bastante evidente que não podemos combater o estranhamento da vida real – isto é, o estranhamento econômico – sem dominar teoricamente os complexos problemas econômico sociais nele envolvidos.

(MESZÁROS,2011, P.118).

Pode-se dizer que todo o estranhamento possui suas raízes na economia. Assim nos demonstrou Marx a partir de sua crítica a economia política. Todo o estranhamento político do indivíduo em sua base já é econômico.

Dialeticamente, a política é alienada na economia e a economia sendo totalmente política para se manifestar puramente em termos quantitativos apóia seu qualitativo nas leis econômicas de mercado, aparentemente autônomas da organização política, mas totalmente dependentes e atreladas pela ideologia, dominando na prática os rumos da vida social, do trabalho alienado e do indivíduo em sociedade.

De forma totalitária e unidimensional tanto o capitalismo quanto as supostas vertentes políticas de oposição já diluídas e alienadas pelo próprio capitalismo, moldam o indivíduo e a vida social de forma que até seu protesto contra as formas existentes de realidade, já é apropriado pelo sistema e alienado na ilusória parcialidade e multilateralidade do discurso.

3. A Teoria crítica de Marcuse

Faz-se contudente a teoria crítica da sociedade de Marcuse aqui, para poder fazer uma análise crítica, sem equívocos, e, pautada nos fundamentais pontos dessa análise, da alienação dos protestos sociais e do indivíduo no cenário político unidimensional brasileiro.

Além da relevante contribuição de Marx com sua crítica da economia política e da concretude dada ao conceito de *alienação*, para compreender a atual alienação política dos protestos de oposição e conseqüentemente o indivíduo alienado em sua consciência e prática, num pensamento unidimensional, que se analisado em pormenor e criticamente verá que a oposição na verdade não se opõe concretamente ao sistema que critica.

Faz-se necessário recorrer à crítica feita por Marcuse ao capitalismo e ao comunismo soviético, duas faces de uma mesma moeda. Processo esse que não ruiu com o fim do socialismo, mas perpetuou junto ao capitalismo global e dissidente, no Brasil, em alguns partidos ditos de oposição, seguem fragmentados em forças de oposição a política capitalista e seus desastres sociais do lucro.

O que se tentará fazer com essa análise será detectar na contemporânea sociedade brasileira traços de fechamento do universo político e do discurso, junto a uma lógica derrotada e alienada de todo o protesto.

Uma lógica que oscila entre contestação e conformismo, numa conciliação sutil e sinuosa de interesses opostos e paradoxalmente alinhados numa mesma dimensão sistêmica. A supremacia capitalista sobre todas as vertentes da sociedade se dá de múltiplas formas, unificar oposições, é só mais uma de suas astúcias, nessa predação humana infinita, tanto da extensão de sua lógica econômica, como a única existente e possível, quanto da reprodução infinita de si mesmo como sistema econômico e político hegemônico por seu próprio modo de transformar tudo em capital.

Diz Marcuse:

Essas mudanças no caráter do trabalho e dos instrumentos de produção mudam a atitude e consciência do trabalhador, que se torna manifesta na amplamente discutida “integração social e cultural” da classe trabalhadora com a classe capitalista. (MARCUSE,2015 P. 63)

A integração da classe trabalhadora à classe capitalista, o que dera já na sociedade industrial dos anos 60 conforme descreve Marcuse, moveu o capitalismo para estágios defensivos em relação a uma revolução da classe trabalhadora ao mesmo tempo em que, “conciliando” a classe submetida à classe que comanda, anula-se por completo qualquer visualidade social ou sentimento cultural de se estar alheio ao processo do capitalismo. Essa integração no fundo é a mobilização da classe capitalista sobre a classe trabalhadora imobilizada em suas condições e horizontes cognitivos.

O alheamento aos interesses da classe capitalista por parte da classe trabalhadora, não mais percebido por esta, perdurou, de forma a sociedade brasileira contemporânea atualizar isso em seu processo político, onde o protesto alienado da oposição foi cooptado pelo discurso neoliberal, sem a detecção da classe trabalhadora que foi às ruas em 2013, fragmentada em suas reivindicações, e hoje volta às ruas novamente, numa fragmentação polarizada em extremos políticos de: pró-governo e contra o governo.

Numa mobilização que pouco mobiliza o status quo, seguida de medo e impotência, com críticas de superfície através de redes sociais e bandeiras múltiplas levantadas pelas ruas nas manifestações populares, totalmente desacompanhada, de uma educação política, a sociedade brasileira atual, reduziu seu protesto a uma sedimentação de interesses particulares e partidários, que dispersam o interesse comum que a princípio mobilizou o protesto. Na verdade, desde o princípio do protesto, a alienação está presente, de forma que os indivíduos não se reconhecem entre si, mas estranham-se em interesses multilaterais, estranhados e lacunados pela Ideologia do capitalismo.

Há um enfraquecimento contínuo da oposição brasileira, diluído em uma conciliação da classe trabalhadora à classe burguesa capitalista, algo que Marcuse já percebera na sociedade unidimensional analisada por ele nos anos 60, e que, atualmente no Brasil consolida-se de forma forte, integrando os interesses das classes trabalhadora e , inclusive por óbvio nessa classe trabalhadora a classe média brasileira, aos interesses neoliberais dominantes, hoje mais do que nunca no Brasil, um neoliberalismo extremo e conservador, diluidor da oposição e unificador repressivo desta, por meio da economia imposta como o único sistema social que pode existir.

O pensamento unidimensional é sistematicamente promovido pelos elaboradores da política e seus

provisionadores de informação em massa. O universo da palavra, destes e daqueles, é povoado de hipóteses autovalidadoras que, incessante e monopolisticamente repetidas, se tornam definições ou prescrições hipnóticas. (MARCUSE, 2015 p.34).

Mais uma vez aqui, a alienação torna-se manifesta: a classe trabalhadora que se sentindo alheia a toda a política brasileira, foi às ruas em 2013, dirigindo os mais diversos protestos, dentre eles, um principal, a corrupção da política brasileira e, seguiu-se fragmentada gradativamente e polarizada em extremos durante o percurso desses anos, até hoje.

É a mesma classe que não se opôs ao capitalismo enquanto sistema, manteve assim espaço para que qualquer oposição não só fosse alinhada aos interesses liberais, mas também cooptado seu protesto, por um liberalismo conservador que assume o poder , sendo repressor de todo e qualquer protesto atual.

Diz Marcuse:

Esta é a forma pura de servidão: existir como uma coisa. E esta forma de existência não abroga se a coisa é animada e escolhe seu alimento material e intelectual, se não se apercebe de que é uma coisa, se é uma coisa bonita, limpa e móvel. Inversamente, ao tender a espoliação para tornar-se totalitária em virtude de sua forma tecnológica, os próprios organizadores e administradores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram. E essa dependência mutua não mais é a relação dialética entre Senhor e Servo, já rompida na luta pelo reconhecimento mutuo, mas antes um círculo vicioso que inclui tanto Senhor como Servo. (MARCUSE, 2015, p 49-50)

Conforme descreve Marcuse, nesta citação, a dependência mútua já não se trata mais de uma relação dialética entre senhor e escravo, mas sim um círculo vicioso entre estes.

Há um círculo vicioso mantido pela ideologia, entre o trabalhador e seu explorador, no caso o proprietário. Claro que não se trata de algo consciente por parte do trabalhador, esse círculo vicioso, é mais uma característica da alienação presente no mundo do trabalho, o trabalhador não percebe tal alienação, devido aos entraves ideológicos impostos a ele pelo capitalismo e, dessa forma, mantém o ciclo que o oprime, de forma totalmente servil, sentindo-se parte do processo, mas estranhado no que concerne à sua participação, esta sempre limitada pelo capitalista.

Marcuse critica tal racionalidade técnica, mostrando o caráter irracional de tal racionalidade.

Nesta citação expressa de forma clara seu pensamento acerca dessa racionalidade absurda se analisada por uma razão crítica:

(...) Eis a contradição interna dessa civilização: o elemento irracional de sua racionalidade. E o totem de suas realizações. A sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos. Torna-se irracional quando o êxito desses esforços cria novas dimensões de realização humana. (...) A vida como um fim é qualitativamente diferente da vida como um meio. (MARCUSE, 2015, p.36).

A crítica da ideologia da sociedade industrial se dá não apenas dirigida ao capitalismo, mas também ao comunismo soviético, uma vez que este também se faz totalitário e repressor, portanto sendo um sistema ideológico e produtor de falsas consciências tanto quanto o sistema capitalista.

As novas formas de controle que ressaltam Marcuse são os mecanismos de dominação efetivos da contemporaneidade. Dominação que ocorre desde a naturalização da manipulação das necessidades dos indivíduos impostas por um sistema social político, como naturais e eternas e por consequência aceita por todos sem um questionamento crítico, até a integração de elementos opostos e irreconciliáveis da cultura, do pensamento e do comportamento humano, como compatíveis e englobadas em uma única dimensão da realidade.

Aliás, somente uma dimensão da realidade é aceita, essa da razão tecnicizada da sociedade industrial. Qualquer tentativa de transcender ou superar tal realidade é logo bloqueada pelo aparato repressor de tal sistema, de diversas maneiras. Desde a totalização dos modos produtivos em escala global até o consumismo em massa; a totalização de gostos, estilos, que mesmo sendo “variados”, na verdade não o são do ponto de vista crítico, que enxerga o substrato ideológico contido por trás dessa falsa aparência de variedade e autonomia nesses elementos que estão dentro de uma “bolha” unidimensional que deforma e comprime a realidade.

Em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. (MARCUSE, 2015, p. 24).

O totalitarismo técnico econômico de que fala Marcuse é mantido pela ideologia que une a sociedade em todas as suas formas numa única dimensão da realidade. Há uma unidimensionalização de tudo, de forma que a percepção e a consciência não conseguem detectar a ação ideológica escondida por trás dessa falsa aparência de igualdade e liberdade, sentida pela grande maioria das pessoas na sociedade contemporânea.

A grande maioria tem a necessidade de possuir um status, de definir um papel na sociedade, possuir uma religião, um casamento, um time de futebol, entre muitas outras coisas que se poderia citar. E possuem de fato porque foram introjetadas tais necessidades de “fora” para “dentro”, necessidades impostas por uma sociedade que se tornam necessidades vitais dos indivíduos. E tudo isso, sendo apenas “um” traz um sentido de unidade que é pura aparência falsa, uma vez, que essa unidade não existe em essência entre as pessoas e nem em suas relações com os objetos e o mundo, só existe na formalidade da sociedade unidimensional. Isso interessa ao sistema, essa falta de congruência seguida de um caráter unitário

Essa unidade formal é sustentada pela ideologia que camufla e disfarça todo traço de desigualdade, labuta e opressão entre as pessoas, mantendo-as presas em única dimensão da realidade, com a sensação de serem livres e estarem vivendo uma era plena de realizações, avanços em relação à labuta do trabalho e igualdade perante a lei e à vida. Nada mais ideológico conforme a análise de Marcuse, que adverte sobre o perigo nessas palavras:

Sob o jugo de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em poderoso instrumento de dominação
(MARCUSE, 2015, p.28)

É no que se transformou a liberdade, numa falsa liberdade e também em instrumento de dominação do aparato de reprodução técnica sobre a sociedade junto à imposição ideológica que acompanha isso. E a privação da liberdade não é percebida, justamente porque há uma ideologia que mascara.

É o caso que ocorre com a maioria dos protestos de oposição no Brasil, sentem-se livres na expressão e luta por seus interesses, algo que efetivamente na prática nada há de mudanças, ajustes de interesses que se conciliam com os interesses capitalistas a que opõem.

Assim, a liberdade de expressão tornou-se instrumento de dominação no atual contexto uma vez que, já é direcionada por interesses do capitalismo que sedimenta os protestos em ideologias diversas, que convergindo para o mesmo núcleo, compacta todo o protesto no núcleo fechado do sistema, sem transposição alguma a isso.

4. Manifestações sociais no Brasil: da alienação política a um não radicalismo.

Vamos falar neste ultimo capítulo desta análise, sobre os protestos sociais ocorridos no Brasil, desde junho de 2013, passando pelos protestos frente ao golpe de classe em 2016, o que narrou o verdadeiro esgotamento da esquerda brasileira, até os movimentos atuais de 2019, algumas paralisações apenas até então, com sua maior pauta sobre a reforma de previdência, mediante à apenas sete meses de um governo autoritário e desgovernado em seu governo.

Torna-se bastante evidente os aspectos do *estranhamento* político nesses protestos atuais de 2019, a começar por terem pautas reformistas e não revolucionárias. Faz-se contundente, lembrar aqui, que temos hoje em 2019, uma verdadeira cisão na sociedade brasileira. Há protestos contra as reformas, são no caso os protestos engendrados pela esquerda brasileira e, há os movimentos pró-reformas, engendrados pela direita, atualmente extrema. Inclusive, foi extrema no ato de cooptar o discurso que a principio era de esquerda e mobilizar indivíduos trabalhadores a aderirem aos seus anseios neoliberais, conservadores e desiguais.

Mas, no caso de nossa análise, a atenção será sobre os movimentos de protesto engendrados pela esquerda ou por simples ideais de justiça econômica, liberdade política, causas humanitárias, entre outros. Indo em oposição aos valores tradicionais e conservadores do neoliberalismo.

Vamos usufruir de alguns tópicos dentro da obra “*Só mais um esforço*” de Vladimir Safatle, uma excelente e relevante contribuição para esta análise, e, para uma compreensão ampla e séria do que se passa na atual política do Brasil. Leandro Konder também contribui para o esclarecimento sobre a alienação política, desmistificando as ilusões do apoliticismo, como muitos pensam ser possível.

Especialmente nos movimentos que em choque com o sistema capitalista, estão cada vez mais fragmentados e reduzidos em seus propósitos, alienados politicamente. Factualmente, esses movimentos cada vez mais são engolidos pelas regras do jogo, que

é o sistema capitalista. Um jogo desigual, se levarmos em conta a desigualdade de classes existente, o que implica desigualdade de condições e, portanto, condicionamentos diferentes perante as regras.

4.1. A alienação política

A política é uma dimensão da atividade humana. Desde que, com ou sem vontade de fazê-lo, os homens vivem em sociedade, dependem da sociedade para nascer e sobreviver, não há como ignorar a significação política que os comportamentos individuais assumem. (KONDER, 2009, p.183).

Antes que ocorra um estranhamento político por parte por parte do individuo que não se reconhece na política que milita ou então se reconhece de forma totalizante numa fragmentação absoluta de contexto social, há um processo de estranhamento econômico, de forma ativa e latente no militante da esquerda, a economia como dominante do processo, do próprio protesto, diluída pela ideologia, alterando assim toda a percepção prática de que o protesto não é apropriado por quem o realiza ou pensa o realizar, mas sim sedimentado pelo estranhamento deste, a alienação.

A alienação é o ofuscamento da percepção prática do individuo, que não percebe a expropriação de sua luta e discurso, a teoria, de uma pratica apropriada por outrem que ainda promove lucros ou repressões dependendo do contexto de militância.

Diz, Konder (2009) sobre essa alienação política que atinge o individuo em sua práxis:

(...) a alienação como processo prático, material, tem atingido a própria forma de consciência que se dispõe a negá-la, isto, é aquela forma de consciência

identificada com o movimento revolucionário que empreende a superação do status de *alienação*. (KONDER, 2009, p. 191).

É importante compreender aqui nesta citação o processo que atualmente continua a estar presente nos protestos sociais, um processo de alienação ampliado, de forma que até mesmo “a consciência que se dispõe a negá-la” manifesta e empreende o status de alienação tanto em seus protestos quanto em sua consciência.

A consciência crítica atingida pela alienação, o movimento revolucionário absorvido por esta mesma e diluído em bandeiras isoladas, ou blocos ou grupos de interesses, dos mais variados, mas totalmente alienados do que eles mesmos protestam, não conseguindo detectar a questão que incitam e a base que sustenta.

A ilusão de não fazer parte do corpo político, estando atrelado a interesses de grupos particulares ou partidários apenas, ajuda também nesse processo de alienação ampliado aos movimentos que protestam ou deveriam protestar contra tal status de alienação. Uma vez que tal status sustenta as desigualdades protestadas em demanda.

O que aconteceu com o protesto brasileiro de oposição ao sistema vigente (o neoliberalismo)? Parecia em junho de 2013 que havia uma oposição de fato e poderia insurgir uma revolução, a população foi às ruas em grandes massas, mas a alienação política também foi em grande massa, por parte dos movimentos, além da esquerda nada fazer em relação às demandas populares, ela simplesmente ignorou o sufrágio popular, continuando a fazer as regras do jogo capitalista, de democracia ilusória. Algo que insatisfez ainda mais as massas populares, incluiu aqui classes baixas médias, dado que a classe burguesa domina como base econômica essas massas de pessoas trabalhadoras, subdivididas ideologicamente, no sentido marxista.

4.2. O não radicalismo e a derrota lógica da oposição.

Tudo o que restou à esquerda, por enquanto, foi apoiar-se em políticas de reconhecimento de direitos de setores vulneráveis da população, como mulheres, negros,

comunidades LGBT, entre outros. (SAFATLE, 2017 P.35).

As políticas de reconhecimento sobre os setores citados, vulneráveis à lógica que acompanha o capitalismo, como o machismo, a homofobia, e o racismo, foram pautas incisivas da esquerda brasileira e ao mesmo tempo foram também políticas rasas, que não apresentaram nenhuma alternativa econômica de fato ao que era necessário para por fim às desigualdades da qual denunciavam.

É inevitável falar da esquerda nesse contexto, não só porque as manifestações sociais na sua maioria, juntos às suas intenções revolucionárias, serem de esquerda, mas também pelo fato das manifestações que emergiram em 2013 no Brasil, serem a princípio um descontentamento com a política vigente, governada por um partido de esquerda.

Segundo Safatle, as manifestações populares eram a princípio, uma oportunidade para que a esquerda efetivasse de fato seu papel, enquanto opositor do sistema neoliberal, algo que não fez.

Diz Safatle:

Este é um ponto de maior de impotência: a luta por reconhecimento funciona atualmente como uma espécie de compensação à inexistência de um discurso econômico de esquerda com clara força de transformação e com capacidade de implicar as classes empobrecidas. (SAFATLE, 2017, p.36).

Dois pontos fundamentais são citados por Safatle: “a luta como espécie de compensação à inexistência de um discurso econômico”. A ausência desse discurso econômico trouxe como consequência, a falta de uma clara força transformadora de ação social e revolução política mediante os protestos que insurgiram a partir de 2013.

Cada vez mais fragmentados, lutando pelo que denomina Ellem Wood (2001) “bens- extra-econômicos”. São esses bens – extra-econômicos as pautas específicas, levantadas como ação social revolucionária, como: as causas LGBT’s, MST, Movimento de greve dos caminhoneiros, lutas feministas, anti-racistas, legalização das drogas, entre outras.

Todas estas lutas, pautas específicas importantíssimas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária e conseqüentemente mais humana. No entanto, essas lutas se não tocam no cerne da questão econômica, permanecem alienadas em seus discursos e práxis, atendo-se numa realidade unidimensional dentro do capitalismo, almejando apenas um lugar igual, numa sociedade que é desigual, assentada essa desigualdade na economia política.

De acordo com Safatle (2017), “as lutas não deveriam ser organizadas a partir de tais pautas, mas geradas a partir delas”, o que não é hoje a realidade social brasileira.

A organização das lutas, a partir de pautas de interesses específicos, é restrita ao âmbito do capitalismo. Essa é uma problemática conseqüente de não se gerir protestos para superar a opressão causadora dessas desigualdades, que no caso, como já falamos varias vezes nesta análise se trata da opressão econômica, ditada pelas leis do mercado que impera como política.

Tais lutas estagnam-se na realidade unidimensional do capitalismo, tentando alcançar apenas resultados que coloquem fim a desigualdade que as deixam de fora do processo econômico. Há uma não percepção da condição alienada em que estão imersos, nos próprios protestos, e, pior, um horizonte cognitivo limitado pelas leis de funcionamento do capitalismo. Todos estes protestos, que ocorreram em 2013 e também os protestos de hoje, seguem essa ótica limitada, fragmentada e incapaz de alcançar o homem genérico.

Diz Safatle:

Não é estranho que tenhamos hoje grande força de mobilização por pautas específicas, mas nenhuma capacidade de criar constelações capazes de colocar todas essas lutas em

processo de unificação. (SAFATLE, 2017, P.36)

È de grande relevância que compreendamos aqui essa incapacidade das mobilizações populares, em colocar seus protestos em unificação. Esse é o ponto central da alienação política dos protestos sociais no Brasil: a incapacidade de unificação das lutas, movimentos e protestos.

A fragmentação que existe nas variadas pautas das manifestações, já é a alienação propriamente dita.

Há um estranhamento e algumas situações até de disputas entre as próprias manifestações. Por exemplo: um manifestante da causa LGBT não se reconhecer num protesto de moradores sem teto. Ou ainda o trabalhador que entende necessário parar para manifestar contra o aumento da tarifa de ônibus urbano, mas não se vê mobilizado a parar, quando a pauta é uma reforma política, como a reforma da previdência, atualmente.

São pautas específicas, mas indiferentes, quando se trata da mesma base que as aliena do processo social, o capitalismo.

Não há a percepção prática por parte dos indivíduos que militam por essas pautas específicas, de que todas as desigualdades de que são vítimas, se dão em função de um mesmo sistema, que inclusive, os aliena dessa constatação, afastando-a umas das outras, dando-lhes a impressão de que são pautas independentes e que não tem muita das vezes ligação alguma. Como se estivessem à parte deste corpo sistêmico e global que é o neoliberalismo.

O problema é que o militante, o trabalhador, não consegue detectar a base alienante, que impede a emancipação de suas lutas, ficando preso a uma sociedade unidimensional, como já falara Marcuse, e, por não terem a percepção prática do que se passa, não conseguem alcançar um processo de unificação, que possa emancipar as classes desfavorecidas dessas lutas, ou seja, emancipá-las da alienação, própria do capitalismo.

A análise aqui é sintética e não entrará na questão da superação do sistema, mas tem que estar explícito que, qualquer luta na contemporaneidade, só alcançará seus objetivos emancipatórios se superarem o capitalismo enquanto sistema social-econômico.

Correlacionar o conceito de alienação marxista com a análise que Safatle faz dos movimentos sociais no Brasil, trata-se de identificar também a não implicação genérica do ser humano no processo das lutas.

Safatle salienta:

Várias conseqüências de enfraquecimento político vêm dessa impossibilidade de implicação genérica. (SAFATLE, 2017, P.37).

Essa impossibilidade de implicação do gênero humano, já identificada por Marx, persiste como estratégia do capitalismo. E de forma muito mais consolidada, para manter o indivíduo alienado em potencial.

Este indivíduo, uma vez alienado, não se vê como parte do corpo político de seu país, conseguindo enxergar apenas as superficiais necessidades imediatas de suas lutas, e com isso é ofuscada sua percepção em relação ao processo cindido em que está imerso. Há a ilusão de conquistar direitos dentro do capitalismo por parte dos indivíduos dessas lutas, que não percebem que a falta de direitos ou a sua concessão se dá sob a regulação estratégica do capitalismo enquanto sistema dimensionador da vida social.

As manifestações de 2013 eram movimentos sociais de várias diretrizes diferentes, demandas diferentes, mas com um denominador comum: a insatisfação generalizada das desigualdades de variadas ordens. Na verdade, as variadas ordens é um pano de fundo ideológico que encobre a ordem maior da desigualdade: o sistema capitalista.

A falta de uma coesão política e de uma agregação das insatisfações ao nível dos rumos econômicos que a sociedade brasileira caminhava, implicou em nenhuma transformação de força opositora no âmbito das lutas.

É o que diz Safatle, nesta citação de grande esclarecimento para nós aqui, em relação ao que aconteceu e continua a acontecer no âmbito dos movimentos de protestos brasileiros:

(...) Faltava mais do que organização prévia. Faltava capacidade de criar atores políticos e produzir organizações com força de implicação genérica a partir de acontecimentos. (SAFATLE, 2017, p.114).

E completa dizendo que:

(...) para tanto, seria necessário aceitar a emergência de espaços e descontrole, sem existência de cúpula, mas com disciplina de adesão a decisões. (SAFATLE, P.114).

Dialeticamente é o controle chocado ao descontrole, ou seja, o conflito social, exigindo nova síntese, novo sistema, mesmo que isso não seja pronunciado. A incapacidade de se fazer essa leitura dialética da realidade, da necessidade iminente de uma nova forma de organização social no Brasil, levou a mais um processo de estagnação, alienado numa lógica de redimensionamento do próprio sistema.

De forma desagregada, as pautas reformistas e específicas de alguns setores desfavorecidos da sociedade, perdem no cenário brasileiro cada vez mais, seus objetivos e forças de implicação política genérica ao que concernem suas lutas.

O cenário brasileiro atual vai dizer Safatle (2017) é de desagregação.

Os sistemas de pactos ruíram e não é mais possível reeditá-los. Todas as “reformas” apresentadas em 2016 e 2017 visam à destruição das defesas trabalhistas e ao fortalecimento das dinâmicas de produção da desigualdade, no pior dos pesadelos neoliberais. (SAFATLE, 2017, P.117).

As “reformas” apresentadas em 2016 e 2017, são demonstração do neoliberalismo forte que se apresentava a frente das manifestações populares desde 2013 e mais que isso, é um neoliberalismo sistêmico e organizado ao ponto de se apropriar dos protestos os diluir ao seu favor.

A reforma do ensino médio gerou movimentos de ocupações em universidades públicas brasileiras junto à vários movimentos de protesto pelas ruas de muitas cidades brasileiras por parte de estudantes e professores, junto à muita gente que aderiu e apoiou.

No entanto, tal reforma, que não vamos entrar em detalhes, mas oferece pontos mais negativos do que positivos, segundo estudantes e professores, como por exemplo, ser obrigatórias apenas, disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática e suas tecnologias, foi aprovada pelo governo federal. Todas as manifestações contra essas reformas foram reprimidas, por parte do governo federal, algumas contando com atuação das forças militares reprimindo os manifestantes.

O fato é que as forças neoliberais ganham forças políticas através da aprovação de tais reformas, e contam com a ideologia para o convencimento distorcido sobre os benefícios para a sociedade como um todo. E quando o convencimento ideológico não funciona, são as forças repressivas do Estado que entram na cena, de diversas formas, como: contingenciamento de verbas de setores públicos, cortes de direitos trabalhistas, atuação das forças militares sobre a sociedade, em especial sobre as camadas mais pobres, entre outras.

Assim, os protestos seguindo uma tendência desagregada, foram reduzidos ao simplesmente a ter “direitos à liberdade de expressão” na formal democracia brasileira. Digo formal, pois é somente na teoria que a democracia brasileira tem validade. Na prática, temos desigualdades de várias ordens e direitos desiguais, dependendo à qual classe pertence. Nunca se falou tanto em liberdade de expressão.

4.3- As novas faces do protesto no Brasil.

“Ainda no contexto das manifestações de 2013, os protestos ocorreram por trabalhadores, estudantes, indivíduos insatisfeitos com representações políticas que não mais

reconheciam como sendo suas (SAFATLE 2017), eram precárias e não representava mais o apelo popular”.

A partir do que diz Safatle nesse parágrafo anterior, é nítido que a alienação percorre o caminho desde a insatisfação popular até a uma precariedade política. O estranhamento da população que não se reconhece mais nas representações políticas de seu país, junto a uma precariedade por parte dessas representações, também alienadas e incapazes de um radicalismo político quando era necessário, uma vez que, os ingênuos acordos entre neoliberalismo e interesses públicos já não funcionavam mais.

Culmina isso na alienação política generalizada, ao ponto do cenário brasileiro ser cindido em dois extremos, mas que habitam a mesma dimensão: de um lado movimentos populares com defesa de direitos das minorias e de outro movimentos conservadores e defensores de um neoliberalismo totalitário e sem alianças com a democracia e direitos dos trabalhadores.

Nesse sentido, o Brasil repete o momento histórico mundial, quando vemos, de maneira cada vez mais clara, a política tendendo em direção aos extremos, depois do colapso da democracia liberal. (SAFATLE, 2017, P.119).

Conforme descreve Safatle, a atualidade brasileira tende aos extremos, não somente tende como também atua em um extremo, cada dia mais repressor, conservador e falso moralista. Mas, o pior é esse extremo ser uma economia dirigida a poucos, com uma grande maioria ficando na miséria e desempregados.

Trata-se do neoliberalismo sem medidas sociais ou democráticas, um neoliberalismo que possui somente uma meta: o lucro.

O lucro não é novidade nenhuma dentro do capitalismo. Aliás, é a mola propulsora de tal sistema. No entanto, há uma novidade dentro desta lógica sistêmica, o lucro não é mais medido pelas indústrias e empresariado, mas agora pelas corporações financeiras e bancos.

Não bastasse a propriedade privada extrair seu capital excedente dos trabalhadores que produzem tal excedente, no atual momento o extremo político no

Brasil, começa a implantar o que no mundo o capitalismo já vem implantando, o excedente apropriado agora, não é somente dos trabalhadores, mas também de seus patrões, ou seja, toda a produção social vem sendo apropriada por gigantes corporações financeiras, é o fim da concorrência entre as indústrias e fim do consumismo e a junção desses gigantes é quem comanda toda a economia nacional e mundial no momento.

Com explicita muito bem Dowbor, em seu livro a “Era do Capital Improdutivo”, nesta excelente citação, esclarecedora para a compreensão do que estamos falando:

A lógica da acumulação mudou. Os recursos, que vêm em última instância do nosso bolso (os custos financeiros estão nos preços e juros que pagamos), não só não são reinvestidos produtivamente nas economias como sequer pagam impostos.. Não se trata apenas da ilegalidade da evasão fiscal e da injustiça que gera a desigualdade. Em termos simplesmente econômicos, de lucro, reinvestimento, geração de empregos, consumo e mais lucros – o ciclo de reprodução do capital – o sistema trava o desenvolvimento. É o capitalismo improdutivo. (DOWBOR, 2018, P.91)

Toda a alienação mantida pela ideologia, já não necessita estar tão mascarada como outrora, agora o que deve ser escondido e encoberto pela ideologia são somente as origens dos recursos e seus destinos finais (Dowbor 2017), é somente isso que deve estar embaraçado aos olhos do trabalhador, como também do consumidor, do produtor e do empresário pequeno ou médio.

O capitalismo improdutivo é a versão mais escancarada e desastrosa de todo seu percurso enquanto sistema na história. É a verdadeira face do lucro, do que ele é em essência: perpetuação da miséria, labuta e desigualdade para uma maioria e concentração absurda de recursos, abundância poderio para uma minoria, a contemporânea burguesia, detentora de toda a produção planetária e global.

Assim sendo, as novas faces do protesto atual no Brasil são de medo, desagregação e impotência política. Até porque a política, enquanto organização e sistema democrático estão sendo cada vez mais capturados por esse “grande capital”.

Esse grande capital que é exclusivo enquanto sistema, sendo a burguesia sua expressão. Burguesia esta hoje, que não mostra sua cara, apenas seu poder hegemônico através das redes financeiras e bancárias de controle do capital global e de todo os indivíduos como seres sociais produzidos por esse sistema.

Explica Safatle que existe um ponto central:

Do ponto de vista da governabilidade atual, uma das estratégias maiores de gestão da paralisia social é a dissociação entre economia e política. Ela visa alimentar essa ilusão de impotência que nos faz acreditar que as decisões a respeito de nossas vidas são muito complexas para serem geridas por nós mesmos. Tal dissociação parte da defesa de que decisões econômicas não poderiam submeter ao desejo político, da mesma forma que a razão não poderia se submeter aos interesses e crenças. (SAFATLE, 2017, P.123).

Este ponto central de que explicitou bem Safatle, já foi abordado por Marx, quando ele faz sua *crítica da economia política*, e conforme apresentado no início desta análise. O que mudou foi apenas o fato de ser contemporâneo o estranhamento político. São novas roupagens da alienação e de toda a engrenagem do sistema capitalista, que precisa distorcer as potencialidades humanas reduzindo-as às ilusões das promessas contemporâneas para transformá-las em lucro potencial, já que somente uma dimensão da realidade é aceita, a dimensão capitalista.

É gerida a impotência em nossas contestações e uma paralisia social no que concerne a luta por outra realidade, como outras formas sociais e econômicas de se poder gerir a vida do gênero humano.

A dissociação é também uma característica marcante desse sistema, que se utiliza bem disso para sua perpetuação.

Uma dissociação estratégica, iniciada com o racionalismo cartesiano como método fundamental que racionaliza e justifica a fragmentação das ciências e de todas as coisas, consolidando com os positivismos como os de Comte e Durkheim, teóricos influentes para o sistema, no que concernem principalmente suas visões positivas acerca da divisão social do trabalho e da conseqüente desigualdade como necessária para manter o equilíbrio e organicismo da vida social.

Dissociar é recortar a realidade, confundi-la aos olhos de quem tenta captar o todo. Estratégia fundamental para o sistema capitalista manter-se unívoco, fragmentando a classe trabalhadora nela mesma e assim sucessivamente a economia da política como a teoria da prática.

A separação da economia da política é um ponto crucial para a compreensão deste sistema a que estamos nos referindo, no caso o capitalismo, desde a exposição marxista sobre tal problemática no início desta análise até a constatação de nossa realidade atual no neoliberalismo do século XXI.

Atualmente a necessidade neoliberal vai além da própria economia.

[...] Assim, no que chamamos de “democracia”, as instâncias econômicas exigem “autonomia”, ou seja, exigem poder operar a partir de sua própria lógica. (SAFATLE, 2017, P.123)

Esse é o atual cenário: um capitalismo extremo, que exige autonomia em relação não só à democracia, mas também em relação às instituições políticas como um todo. O

capitalismo atual assume a sua verdadeira face, a de não só possuidor das instancias políticas, como também de ser a própria política.

O que era mascarado pela ideologia, na época de Marx, e durante a sociedade industrial da época de Marcuse, assume hoje sem receios o que é de fato, um sistema econômico político social admitido como a própria realidade em si mesma, reprimindo qualquer coisa, pessoa ou entidade que vá, no sentido contrário, à sua arquitetura desigual e do lucro incomensurável.

5. Conclusão

Embora, não seja possível uma conclusão de algo que está em movimento como a realidade, e fazer isso seria ignorar a dialética da história, uma atitude absurda e um tanto ingênua perante o devir.

É possível dentro desse dinamismo, observar os fatos, juntamente com suas teorias e a partir dessa inseparável junção de teoria e prática, tentar compreender a realidade e mesmo delimitados por circunstâncias históricas, fazer algum apontamento diferente, em oposição à realidade vigente.

Resta à crítica ser forte quando pouco se pode fazer em termos de alteração dos discursos dados e de ações alienadas. Discursos e ações que em oposição pouco significam quando se faz um exame crítico e amplo da situação atual na qual fazem parte em particular aqui os protestos sociais, interesse desta análise, principalmente por terem sido uma referência para nós como oposição nessa última década no Brasil.

Até porque a governança do Partido dos Trabalhadores que deveria ter sido conforme seu discurso de campanha, uma oposição a esse sistema capitalista e burguês, não o foi. Restando aos movimentos sociais de protesto fazerem essa oposição.

Porém, como já foi dito desde a introdução desta análise, houve uma cooptação dos protestos por parte do sistema, e de forma unidimensional é afirmativa a alienação política em meio aos movimentos sociais no Brasil. Há insatisfação popular, todavia há também muita deficiência de estudo e conhecimento sobre o que é o capitalismo enquanto sistema, isso também em relação à própria esquerda enquanto oposição. Esse é

um detalhe que podemos dizer que falta como base necessária para um radicalismo político no Brasil.

Um radicalismo político de oposição faz-se necessário, uma vez que a atual fase do capitalismo é de radicalismo extremo. Um extremo que captura a própria política em seu aparato de poder econômico, deixando espaço apenas para a desigualdade em larga escala, acompanhada da miséria física e intelectual, num processo de deseducação política arquitetada pelas estratégias capitalistas de poder.

O Brasil atual se encontra nesse extremo capitalista com um desgoverno que só sabe capitalizar mais e mais, bens públicos, florestas, misérias e conhecimentos funcionais e instrumentais, favorecendo ao neoliberalismo, enquanto gigante global da forma que esse gigantismo necessita para se reproduzir como tal.

Ou seja, em caráter predador às economias subdesenvolvidas como a do Brasil, lembrando que o subdesenvolvimento já é determinado pelas grandes economias de países desenvolvidos, que não permitem que essas economias se desenvolvam extraindo-lhes mais-valias, de todas as formas, e não permitindo qualquer emancipação do país.

Possuir apoio com governos como esse atual desgoverno brasileiro, é de grande valia ao neoliberalismo, que comanda a economia junto à política de países como o Brasil de forma totalitária e apropriada.

Tempos difíceis para o Brasil, no que concerne aos espaços sociais cada dia mais reduzidos, os protestos cada vez mais diluídos por ideologias e conseqüentemente a alienação latejando por todas as partes e setores da sociedade. E além da diluição dos protestos, as forças de oposição destes, encontram-se drenadas e paralisadas por contingenciamentos de todas as ordens por esse neoliberalismo extremo que atua no Brasil neste momento, como já há muito no mundo.

Há algo a se fazer? Este trabalho, sendo apenas uma análise dessa atual conjuntura dos protestos no Brasil, teve por objetivo apenas apontar o cerne embaraçoso dessa conjuntura atual brasileira, onde se localiza a alienação, fruto da ideologia, específico de uma sociedade capitalista.

A contribuição teórica, de Marx, Marcuse, Meszáros, Konder, Wood, Safatle e Dowbor, nesta breve análise deixa em vários pontos de suas obras, reflexões e apontamentos de que há possibilidades alternativas a esse processo, contando que haja ruptura. Não é o desdobramento a ser feito aqui, uma vez que se trata apenas de uma análise, porém é certo que dentro das estruturas vigentes, pouca coisa se muda, a não serem nomenclaturas e interesses difusos.

Se algo pode mudar na realidade atual, limito a falar do Brasil é através de uma radicalização política sem precedentes por parte da força popular acompanhada de muita educação, podendo-se ter acesso à educação todos os setores da sociedade, principalmente os setores mais desfavorecidos economicamente.

Educação é base de tudo, mas é urgente que pensemos também outras formas econômicas que não sejam baseadas no lucro e na apropriação, onde o excedente produzido seja investido em estruturas públicas para uma melhor vida em sociedade.

Portanto, é preciso que o real seja racional, conforme já dissera Marcuse (1964), e não o contrário como é hoje. Tanto os protestos sociais, como o indivíduo brasileiro só poderá rumar tal real ao racional, através do acesso à educação e com perspectivas que sejam outras totalmente diferentes das formas sociais do capitalismo. Será preciso que pensemos outras formas de existência, como também será preciso desumanizar “coisas” que parecem ter vida própria, como o mercado e voltar a humanizar a vida, o gênero humano, juntamente com seu peculiar modo de sobrevivência e existência: o trabalho humano.

6. Referencial bibliográfico

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 1932. São Paulo: Martin Claret, 2005, 3ª impressão -2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 1848. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 1986. São Paulo: Moderna, 1992.

MESZÁROS, Istvan. **A Teoria da Alienação em Marx**. 1970. São Paulo: Boitempo, 2006, ed. revista: 2011.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional**. 1964. São Paulo: Edipro, 2015.

KONDER, Leandro. **Marxismo e Alienação**. 2ªed.São Paulo: Expressão Popular, 2009.

WOOD, Ellen. **Democracia contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. 1ªed.revista. São Paulo: Boitempo, 2011, 3ª reimpressão, 2017.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **A Era do Capital Improdutivo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.